

# Dificuldades da concepção de John Searle sobre a redução da consciência: o problema das capacidades causais

Tárik de Athayde Prata\*<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo investiga a concepção de redução de Searle no que se refere à compatibilidade entre redutibilidade *causal* e simultânea irredutibilidade *ontológica* da consciência à atividade cerebral. A redução causal da consciência – a explanabilidade causal de suas características por processos cerebrais e a identidade de suas capacidades causais (seção 2) – é incompatível com a irredutibilidade ontológica (seção 3), porque a diferença ontológica entre características subjetivas e objetivas torna a identidade das capacidades causais incompreensível (seção 4). O principal problema é que a teoria de Searle afirma e nega simultaneamente a identidade entre consciência e processos cerebrais (seção 5).

**Palavras-chave:** Epifenomenalismo, Irredutibilidade ontológica, Redução, Supradeterminação causal

**Abstract:** This paper investigates Searle's account of reduction concerning the compatibility between *causal* reduction and simultaneous *ontological* irreducibility of consciousness to brain activity. The causal reduction of consciousness – the causal explicability of its features by brain processes and the identity of its causal powers (section 2) – is incompatible with ontological irreducibility (section 3), because the ontological difference between subjective and objective features make the identity of causal powers incomprehensible (section 4). The main problem is that Searle's theory states and simultaneously denies the identity between consciousness and brain processes (section 5).

**Keywords:** Causal overdetermination, Epiphenomenalism, Ontological irreducibility, Reduction

---

\* Professor da Universidade Federal de Sergipe – UFS. *E-mail:* tarikbilden@yahoo.de. Artigo recebido em 16.07.2008, aprovado em 30.10.2008.

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da bolsa de Desenvolvimento Científico Regional (CNPq/ FUNCAP) no departamento de Filosofia da Universidade Federal do Ceará – UFC. Gostaria de agradecer ao Professor Andreas Kemmerling (Universidade de Heidelberg – Alemanha) pela discussão detalhada de versões anteriores do presente trabalho. Gostaria de agradecer também às críticas e sugestões dos membros do Laboratório de Estudos de Filosofia Analítica da UFC, em especial aos Professores Guido Imaguire, Cícero Barroso e Valdetônio Alencar, bem como aos alunos André Pontes e Maxwell Morais.

## 1 Introdução

Quando Searle menciona pela primeira vez a oposição entre dualismo e materialismo no seu livro *A Redescoberta da mente*, ele recorre exatamente ao conceito de redução. No campo da filosofia da mente das últimas décadas seria possível encontrar dois grupos: uma pequena minoria que insiste na irreducibilidade dos fenômenos mentais e o gigantesco grupo do *mainstream*, os materialistas, que concordam que haveria um difícil problema mente- corpo caso o mental fosse, de fato, irreduzível ao físico (cf. Searle, 1992, p. 2). Mas o típico do materialismo seria justamente *reduzir* os fenômenos mentais (com a sua intencionalidade e consciência)<sup>2</sup> a fenômenos físicos. O reducionismo emerge assim como uma característica central do materialismo, pois todas as concepções materialistas tentariam reduzir os fenômenos mentais (cf. Searle, 1998, p. 47). Searle tenta superar a oposição entre dualismo e materialismo mantendo a verdade parcial de ambos (cf. Searle, 2002b, p. 62-3 e 2004, p. 126). O ponto mais importante nessa estratégia de Searle é, no meu modo de entender, sua concepção própria de *redução*. Searle procura mostrar que as duas posições *de um certo modo* estão corretas, ou seja, que os fenômenos mentais são *de um certo modo* redutíveis e *de outro modo* irreduzíveis. Para fundamentar essa tese ele distingue entre diferentes conceitos de redução (cf. Searle, 1992, p. 113-4), sendo os mais importantes para sua teoria da consciência os conceitos de redução *causal* e redução *ontológica*. Ele afirma que a consciência é causalmente *redutível* e ontologicamente *irredutível*. Mas, quando se considera atentamente suas reflexões sobre o reducionismo, parece questionável que a posição de Searle seja coerente, pois determinadas teses implicadas pela redutibilidade e pela irreducibilidade defendidas por ele são incompatíveis. Em linhas gerais,

---

<sup>2</sup> Intencionalidade e consciência estão entre as mais importantes características dos fenômenos mentais segundo Searle (cf. Searle, 1984: 17). Mas enquanto ele designa o problema da intencionalidade como “a mirror image of the problem of consciousness” (Searle, 2004: 159) ele considera a consciência como a mais importante característica mental: “there is no way to study the phenomena of the mind without implicitly or explicitly studying consciousness. The basic reason for this is that we really have no notion of the mental apart from our notion of consciousness” (Searle, 1992: 18).

o problema pode ser exposto através da comparação das teses básicas da teoria em questão. A redução causal da consciência significa para Searle que (cf. seção 2):

- (a) as características da consciência são *explicáveis* através de processos cerebrais;
- (b) as capacidades causais da consciência são *exatamente* as capacidades causais dos processos cerebrais.

Tais asserções são incompatíveis com a tese da irreduzibilidade ontológica em *dois aspectos*, na medida em que a irreduzibilidade ontológica implica as duas teses seguintes (cf. seção 3):

- (a') as características da consciência – por serem *subjetivas* – são *indescritíveis* em vocabulário *objetivo*;
- (b') A consciência *subjetiva* e os processos cerebrais *objetivos* são entidades *ontologicamente diferentes*.

A comparação dessas teses constitutivas da redutibilidade causal e da irreduzibilidade ontológica faz surgir as seguintes perguntas:

- (a'') se as características subjetivas da consciência *não podem ser descritas* em vocabulário objetivo, como é possível uma *explicação* da consciência através de processos cerebrais?
- (b'') se a consciência e os processos cerebrais são entidades *diferentes*, por que que eles têm *as mesmas* capacidades causais?

No que se segue será discutido em que medida é possível responder a pergunta (b'') e conciliar as teses (b) e (b') acima, pois o caso da pergunta (a'') não é tão problemático. Penso que no caso da *explicabilidade das características* pode-se ter uma idéia de como Searle poderia considerar (a) e (a') como *compatíveis*, a saber, ao defender uma concepção própria de explicação. Na concepção de Searle o ponto decisivo é que o fenômeno que explica seja *causalmente suficiente e necessário* para o fenômeno que é explicado, e se a explicação é entendida assim, então as teses (a) e (a') são compatíveis. O problema é que essa concepção de explicação parece problemática para muitos, sobretudo aqueles que defendem a tese de uma *lacuna explanatória* entre o exame de fenômenos objetivos (p. ex. processos cerebrais) e o

aspecto qualitativo dos estados de consciência (cf. Nida-Rümelin, 2002<sup>a</sup>, p. 216; Levine, 1983). Mas aprofundar o tema da lacuna explanatória não é o objetivo do presente trabalho, pois no que diz respeito a esse tema a situação não é tão grave, uma vez que Searle já desenvolveu (contra os defensores da lacuna explanatória) as linhas básicas de uma concepção alternativa de explicação (cf. seção 2.1), o que torna sua posição a esse respeito minimamente inteligível. Mas no que diz respeito à *identidade das capacidades causais* mal se pode ter uma idéia de como Searle concebe a compatibilidade de (b) e (b'), pois sua teoria acerca dessas capacidades parece ser *inconsistente*.

É um fato bem conhecido que a pretensão de Searle de conciliar dualismo e materialismo levou diversos comentadores a avaliarem sua filosofia da mente como *incoerente* (cf. p. ex. Snowdon, 1994, p. 259; Olafson, 1994, p. 255). Uma tentativa muito interessante de mostrar incoerências na filosofia da mente de Searle se encontra em Corcoran (2001), que reconstitui as teses básicas do naturalismo biológico (nome dado por Searle à sua solução do problema mente-corpo) da seguinte maneira (cf. Corcoran, 2001, p. 309):

- (1) Consciousness is a real, irreducible *mental* feature of the world.
- (2) Consciousness is a biological, i. e. *physical* feature of the brain.
- (3) Consciousness is entirely caused by and so is wholly explainable in terms of the behavior of lower-level biological phenomena
- (4) Mental states are causally efficacious, i. e. mental states cause other mental states as well as causing physiological events

Assim, Corcoran leva em consideração a irredutibilidade ontológica – tese (1) – e a redutibilidade causal – teses (2) e (3) – assim como a eficácia causal do mental – tese (4). O propósito do comentador é mostrar que (1) e (2), de um lado, e (3) e (4), por outro lado, estão em contradição. A estratégia usada no presente trabalho é ressaltar a concepção de Searle acerca das capacidades causais da consciência. Essa concepção das capacidades causais é reconstituída aqui de um modo bem mais detalhado do que fez Corcoran, e é em seguida contraposta à tese da eficácia causal dos *processos cerebrais* e à tese da *diferença ontológica* entre a consciência e estes processos (cf. seção 4). A consideração de todas essas teses defendidas por Searle

mostra que é possível deduzir, a partir delas, conclusões contraditórias com algumas de tais premissas, dependendo de como se interprete a tese da irreducibilidade ontológica (cf. seção 5).

## 2 A redutibilidade causal da consciência

De acordo com Searle estados de consciência precisam de entidades com um certo grau de complexidade para poderem ser instanciados, pois eles são *propriedades sistêmicas*. Parece de fato implausível dizer que *um* dos meus neurônios tem dor, quando eu sinto uma dor. É altamente plausível que apenas sistemas suficientemente complexos de neurônios possam instanciar a minha dor, e não neurônios isolados. Certas propriedades sistêmicas poderiam ser *explicadas* apenas com recurso às interações causais das partes do sistema. Ele chama essas propriedades de *propriedades sistêmicas causalmente emergentes* e a consciência seria uma delas (cf. Searle, 1992, p. 112). Do fato de que a consciência seria uma propriedade emergente, Searle conclui que a consciência seria *causalmente redutível* aos processos no nível microscópico (cf. Searle, 1992, p. 116) A redução causal é caracterizada por ele da seguinte maneira:

Consciousness is causally reducible to brain processes, because *all features* of consciousness are accounted for causally by neurobiological processes going on in the brain, and consciousness has no *causal powers* of its own in addition to the causal powers of the underlying neurobiology. (Searle, 2002b, p. 60, grifos meus)

Esses dois aspectos da redução causal serão tratados nas próximas seções (2.1 e 2.2). Mas um ponto tem de ser ressaltado: embora o próprio Searle reconheça que as reduções causais normalmente levam a reduções ontológicas (Searle, 1992, p. 115), ele tenta provar que a consciência é uma *exceção* a essa regra, na medida em que sua redução ontológica não seria possível. Justamente essa irreducibilidade ontológica defendida por ele (cf. seção 3) parece ser incompatível com a redutibilidade causal (cf. seção 4).

### 2.1 A explanabilidade das características da consciência

Searle não explicita o que ele entende por *explicação causal* nos textos onde ele postula a redutibilidade causal da consciência. Mas tal

concepção de explanação é apresentada em outras passagens de sua obra. Trata-se da *constatação de relações causais entre o cérebro e a mente*. Nesse sentido ele pensa que essa constatação pode ser alcançada pelos mesmos meios que no caso de outros fenômenos naturais (cf. Searle, 1992, p. 103), e na medida em que nós constatássemos essas relações causais, nós poderíamos construir uma *teoria geral* das relações causais entre mente e cérebro. Searle descreve o procedimento da seguinte maneira:

First we find correlations between brute empirical phenomena. Then we test the correlations for causality by manipulating one variable and seeing how it affects the others. Then we develop a theory of the mechanisms involved and test the theory by further experiment. (Searle, 2002a, p. 49)

Esse procedimento pode ser exemplificado pela teoria das doenças baseada na idéia de germes:

Think, for example, of the development of the germ theory of disease. (...) Semmelweis in Vienna in the 1840s found that women obstetric patients in hospitals died more often from puerperal fever than did those who stayed at home. So he looked more closely and found that women examined by medical students who had just come from the autopsy room without washing their hands had an exceptionally high rate of puerperal fever. Here was an empirical correlation. When he made these young doctors wash their hands in chlorinated lime, the mortality rate went way down. He did not yet have the germ theory of disease, but he was moving in that direction. (Searle, 2002a, p. 49)

No presente as neurociências estariam em um estado ainda mais rudimentar do que a situação descrita acima. Mas esse modelo deveria ser aplicado à investigação da consciência. Searle descreve os três passos a serem seguidos da seguinte maneira:

First, one finds the neurobiological events that are correlated with consciousness (the NCC). Second, one tests to see that the correlation is a genuine causal relation. And third, one tries to develop a theory, ideally in the form of a set of laws, that would formalize the causal relationships. (Searle, 2002a, p. 49; cf. Searle, 2004, p. 146)

No momento, os neurocientistas ainda estão no primeiro passo, ou seja, eles ainda estão à procura dos NCCs (*Neural Correlates of Consciousness*), mas Searle acredita que a aplicação desse procedimento pode levar à solução do problema *empírico* da consciência. Um ponto decisivo é que as relações entre os correlatos neurais e os estados de consciência possam ser consideradas *causais*: “what we are trying to establish ideally is a proof that the element is *not just correlated* with consciousness, but that it is both *causally necessary and sufficient*, others things being equal, for the presence of consciousness” (Searle, 2002a, p. 50, grifo meu). Nesta citação, Searle indica duas características essenciais da relação causal entre processos cerebrais e estados de consciência: *necessidade* e *suficiência*. Elas são caracterizadas por ele da seguinte maneira: “To establish necessity, we find out whether a subject who has the putative NCC removed thereby loses consciousness; to establish sufficiency, we find out whether an otherwise unconscious subject can be brought to consciousness by inducing the putative NCC” (Searle, 2002a, p. 50. cf. Searle, 1992, p. 74-5). Searle reconhece que as dificuldades empíricas para esse projeto de pesquisa são gigantescas, mas ele rejeita o pessimismo (cf. Searle, 2004, p. 146) e acha que a *necessidade* e a *suficiência* causais são o bastante para uma explicação autêntica.

## 2.2 A identidade dos poderes causais da consciência e do sistema cerebral

Em *The Rediscovery of the Mind*, Searle caracteriza a redutibilidade causal (em geral) com o conceito da *explanabilidade*: os *poderes causais* do fenômeno reduzido (assim como sua existência) seriam *explicáveis* através dos poderes causais do fenômeno redutor (Searle, 1992, p. 114). Em formulações mais recentes do conceito de redutibilidade causal, ele se expressa de modo diferente, ao considerar as capacidades causais como *idênticas*. A consciência e sua base neurobiológica teriam as *mesmas* capacidades causais: “the causal powers of consciousness and the causal powers of its neuronal base are exactly the same” (Searle, 2004, p. 127). Recorrendo à analogia com propriedades sistêmicas comuns, Searle afirma que de um ponto de vista causal só há *uma coisa*, a saber, a neurobiologia:

causally speaking there is nothing there, except the neurobiology, which has a higher level feature of consciousness. In a similar way there is nothing in the car engine except molecules, which have such higher level features as the solidity of the cylinder block, the shape of the piston, the firing of the spark plug, etc. (Searle, 2002b, p. 60)

Exatamente como no caso de propriedades sistêmicas normais, a consciência não seria um fenômeno separado do cérebro, mas sim um *estado* no qual o sistema cerebral se encontra no nível macroscópico:

‘Consciousness’ does not name a distinct, separate phenomenon, something over and above its neurobiological base, rather it names a state that the neurobiological system can be in. Just as the shape of the piston and the solidity of the cylinder block are not something over and above the molecular phenomena, but are rather states of the system of molecules, so the consciousness of the brain is not something over and above the neuronal phenomena, but rather a state that the neuronal system is in. (Searle, 2002b, p. 60)

Em suma, trata-se de *uma entidade* (o sistema cerebral), que tem a consciência como uma *propriedade* entre outras: “There is nothing in your brain except neurons (together with glial cells, blood flow and all the rest of it) and sometimes a big chunk of the thalamocortical system is conscious” (Searle, 2002b, p. 60-1). Ao se fazer referência à consciência, não se faz referência a algo diferente do sistema cerebral, mas sim ao próprio sistema em um nível *mais elevado*<sup>3</sup>: “We are not talking about two different entities but about *the same system* at different levels.” (Searle, 2004, p. 128, grifo meu)

Searle não argumenta explicitamente para a tese que as capacidades causais da consciência e dos processos cerebrais são as mesmas, mas é plausível que ele acredite que esse fato se mostra a partir da *estreita conexão* entre a consciência e os processos cerebrais. Do fato de que os fenômenos mentais conscientes estão em *correlação* com

---

<sup>3</sup> A consciência não é necessariamente uma propriedade do sistema cerebral como um todo, mas sim uma propriedade de partes do sistema cerebral que possuem a complexidade necessária: “sometimes a *big chunk* of the thalamocortical system is conscious” (Searle, 2002b: 60-1, grifo meu). “Individual neurons are not conscious, but *portions* of the brain system composed of neurons are conscious” (Searle, 2004: 114, grifo meu).

processos eletroquímicos no cérebro, e do fato de que estes processos são suficientes para causar nossos movimentos corporais e outros processos fisiológicos, poder-se-ia concluir que os dois tipos de fenômenos (processos cerebrais no nível microscópico e consciência no nível macroscópico) têm as *mesmas* capacidades causais. Mas, se é assim, parece que ele concebe a identidade das capacidades causais como decorrente da identidade das próprias coisas em questão.

### 3 O argumento para a irredutibilidade ontológica

Searle reconhece que reduções *causais* normalmente levam a reduções *ontológicas*, entretanto ele nega que seja assim no caso da mente. A consciência (a característica essencial do mental) seria uma exceção a essa regra. No que se segue, vou oferecer minha interpretação de (a) porque as reduções causais levam a reduções ontológicas e (b) porque a consciência seria uma exceção. Suponhamos o caso de uma sistema material qualquer, como p. ex. um pedaço de ferro. Na concepção de Searle, esse sistema tem propriedades que não pertencem às suas partes constituintes (voltemo-nos para o nível das *moléculas* de ferro) mas sim ao sistema no nível macroscópico. De tais *propriedades sistêmicas*, algumas poderiam ser deduzidas ou calculadas a partir das propriedades das partes consituintes, p. ex. a forma ou o peso do pedaço de ferro. Mas algumas delas, ao contrário, poderiam ser explicadas somente através das *interações causais* das partes constituintes, p. ex. a solidez ou a temperatura do pedaço de ferro. Essas interações causais podem ser descritas do seguinte modo: elas ocorrem por causa das *propriedades* que as partes constituintes possuem (p. ex. a energia cinética de cada molécula isolada) que influenciam as relações (designadas por predicados poliádicos) das partes constituintes entre si. Tais partes possuem propriedades que influenciam a suas relações recíprocas, p. ex. a energia cinética de cada molécula influencia suas ligações com as outras moléculas. Ao nível das partes componentes do sistema ocorrem diversos eventos e processos, na medida em que propriedades surgem e se modificam.<sup>4</sup> Porque as partes componentes (as moléculas) têm

---

<sup>4</sup> Eu penso que essa série de estados, eventos e processos é exatamente que Searle quer designar com o termo “comportamento”: “We discovered that a surface feature of a phenomenon was caused by the behavior of the elements of an underlying

determinadas propriedades, p. ex. um determinado nível de energia cinética, suas relações recíprocas são influenciadas de tal modo que o sistema no nível macroscópico (o pedaço de ferro) tem uma determinada propriedade, p. ex. uma determinada temperatura ou um determinado grau de solidez. Essas propriedades sistêmicas, que podem ser explicadas através das interações causais entre as partes componentes, e que não possuem capacidades causais que não possam ser explicadas através dessas interações, são denominadas por Searle de “propriedades sistêmicas causalmente emergentes” (cf. seção 2). E do fato de que essas propriedades sistêmicas são causalmente emergentes segue-se, segundo ele, que elas são *causalmente redutíveis* aos fenômenos subjacentes (cf. Searle, 1992, p. 116). A redutibilidade causal consiste na *explicabilidade das características* do fenômeno reduzido através das interações causais no nível do fenômeno redutor (assim as características da solidez são explicáveis através das interações causais das moléculas de ferro) e na *identidade das capacidades causais* do fenômeno reduzido com as capacidades causais do fenômeno redutor (assim as capacidades causais do pedaço de ferro são idênticas às capacidades causais da totalidade de moléculas de ferro em interação).

A pergunta, então, é por que as reduções causais levam a reduções ontológicas? Segundo Searle, a redução causal possibilita uma *redefinição* do fenômeno reduzido. Se uma redução causal é bem sucedida, pode-se normalmente *redefinir* a expressão que designa o fenômeno reduzido, de modo que se pode *identificar* esse fenômeno com as suas causas. Sobre a redução do calor, solidez e som Searle afirma: “In each case, the causal reduction leads naturally to an ontological reduction by way of a redefinition of the expression that names the reduced phenomenon.” (Searle, 1992, p. 115) Ele diz explicitamente que “the reduced phenomena (...) can now be identified with their causes.” (Searle, 1992, p. 115). Mas o que significa dizer que um efeito é *idêntico* à sua causa? Como se pode entender isso? Parece-me estranho que Searle afirme algo assim. Essa afirmação se

---

microstructure” (Searle, 1992: 118) “phenomena of the type A are *causally reducible* to phenomena of the type B, if and only if the behavior of A’s is entirely causally explained by the behavior of B’s” (Searle, 2004: 119).

deve certamente ao fato de ele defender a concepção incomum de que as propriedades sistêmicas estão em uma relação causal com os fenômenos no nível microscópico do sistema, concepção que é criticada por diversos intérpretes (cf. Thompson, 1986, p. 95; Churchland, 1994, p. 14; Kim, 1995, p. 194). Porém, em lugar de dizer que o efeito é *idêntico* à causa, parece-me mais razoável dizer que se trata de identidade no sentido de que se descobre *algo novo* sobre a propriedade sistêmica quando se constata que ela é causada por aqueles processos microscópicos determinados. Trata-se de identidade no sentido de que se descobre que a descrição das *características superficiais da propriedade* e a descrição da *sua causação por aqueles processos microscópicos* na realidade se referem à *mesma* coisa. A propriedade sistêmica é identificada com a propriedade que tem aqueles processos microscópicos como sua causa.

Eu interpreto a concepção de Searle acerca da redução ontológica da seguinte maneira: ao se constatar que a existência de uma propriedade sistêmica e suas características superficiais são *explicáveis* através de processos microscópicos e que as capacidades causais da propriedade sistêmica são *idênticas* com as capacidades causais de tais processos, obtém-se um *novo acesso* à propriedade sistêmica, porque agora se pode fazer referência a ela não apenas através de suas características superficiais, mas também através dos *processos microscópicos* que *causam* essas características. Nós descobrimos *algo novo* sobre a propriedade ao descobrirmos que ela tem determinadas causas: “We *discovered* that a surface feature of a phenomenon was caused by the behavior of the elements of an underlying microstructure.” (Searle, 1992, p. 118, grifo meu). A redução causal possibilita uma *redefinição* da propriedade sistêmica porque ela produz uma *nova descrição* dela, através da qual a propriedade pode ser redefinida. Para permanecer com nosso exemplo, acaba se revelando que a temperatura do pedaço de ferro é *idêntica* com a propriedade complexa que é causada quando numerosos processos ocorrem na sua microestrutura (no que as moléculas se movimentam e interagem de um determinado modo, o sistema tem uma determinada temperatura). Graças ao resultado da redução causal podemos deixar as características

superficiais da propriedade sistêmica de lado e redefinir esse fenômeno através de suas causas:

the point of the reduction was to carve off the surface features and redefine the original notion in terms of the causes that produce those surface features (...) We then *redefine* heat and color in terms of the underlying causes of both the subjective experiences and the other surface phenomena. And in the redefinition we eliminate any reference to the subjective appearances and other surface effects of the underlying causes. (Searle, 1992, p. 119)

Diante dessas reflexões, surge a pergunta: por que a redução causal da consciência não leva a uma redução ontológica? Para fundamentar a tese da irredutibilidade ontológica da consciência, Searle recorre a argumentos importantes das últimas décadas que, segundo ele, seriam simplesmente diferentes versões do *mesmo argumento*. Tanto o argumento modal de Saul Kripke contra a teoria da identidade em *Naming and Necessity* (1972), quanto as considerações de Thomas Nagel sobre o caráter subjetivo da consciência em *What is it like to be a Bat?* (1974), e o argumento do conhecimento, originalmente proposto por Frank Jackson em *Epiphenomenal Qualia* (1982), mostram, de acordo com Searle, que fatos subjetivos não podem ser *identificados*<sup>5</sup> com fatos objetivos. Com o exemplo do pedaço de ferro em mente considere-se os fatos nos quais consiste, na apresentação de Searle, um estado de consciência como a dor:

Naively, there seem to be at least two sorts of facts. First and most important, there is the fact that you are now having certain unpleasant *conscious sensations*, and you are experiencing these sensations from your subjective, first-person point of view. It is these sensations that are constitutive of your present pain. But the pain is also caused by certain underlying *neurophysiological processes* consisting in large part of patterns of

---

<sup>5</sup> Searle diz na realidade que eles não podem ser *reduzidos* à fatos objetivos. Mas eu considero mais claro falar de “identificação”, pois a redutibilidade ontológica se baseia em uma relação de identidade, de modo que a irredutibilidade ontológica se deve ao fato de que fatos subjetivos *não são idênticos* a fatos objetivos.

neuron firing in your thalamus and other regions of your brain. (Searle, 1992, p. 117, grifo meu)<sup>6</sup>

Isso parece estar em perfeito paralelo com o caso do pedaço de ferro, na medida em que uma propriedade sistêmica está presente (a dor), a qual é causada por processos microscópicos, de modo que suas características superficiais são *explicáveis* através de tais processos e suas capacidades causais seriam idênticas com as capacidades destes últimos. Apesar disso, a redução ontológica (a constatação de uma identidade de tipos) da consciência aos processos cerebrais (ou seja, ao comportamento do sistema no nível microscópico) *não é possível*, porque essa redução deixaria de fora as “características essenciais” dos estados de consciência (cf. Searle, 1992, p. 117). Ele escreve a esse respeito: “No description of the third-person, objective, physiological facts would convey the subjective, first-person character of the pain, simply because the first-person features *are different from* the third-person features” (Searle, 1992, p. 117, grifo meu). Eu interpreto a asserção de Searle, de que as características subjetivas seriam “diferentes” das características objetivas, como uma afirmação de que *não há* uma relação de identidade. Discutindo em seu livro mais recente a problemática da redução da consciência, Searle descarta a hipótese de que esta seja “nada além” de comportamento neuronal, afirmando que “Consciousness is entirely causally explained by neuronal behavior but *it is not thereby shown to be nothing but* neuronal behavior” (Searle, 2004, p. 119, grifo meu), o que constitui claramente uma recusa da identidade entre consciência e atividade cerebral.

Diferente do caso da solidez ou da temperatura, às quais se pode fazer referência através da descrição dos processos microscópicos, *não seria* possível fazer referência a estados de consciência (pelo menos não às suas características *subjetivas*) através da descrição de processos cerebrais, porque tais estados exigem *outro tipo de conceitos* que os fenômenos objetivos. Os conceitos que fazem referência a fenômenos objetivos não podem expressar as características subjetivas. Mesmo que

---

<sup>6</sup> Em outra passagem ele afirma: “first there is a set of ‘physical’ facts involving my thalamus and other regions of the brain, and second there is a set of ‘mental’ facts involving my subjective experience of pain” (Searle, 1992: 120).

se tente redefinir as características superficiais da consciência através de conceitos neurobiológicos objetivos, “you would still need a vocabulary to talk about the surface features” (Searle, 2004, p. 120). Se a consciência é tão diferente dos fenômenos objetivos a ponto de nós precisarmos de *outros conceitos* para poder fazer referência a ela, então parece que nós estamos diante de uma *cisão conceitual* muito semelhante ao *dualismo conceitual* recusado por Searle.<sup>7</sup> O motivo pelo qual um vocabulário objetivo é inadequado para descrever estados de consciência (como teria sido provado por Kripke, Nagel e Jackson) é simplesmente que tais estados existem de *um modo diferente* do que o modo de existência dos fenômenos objetivos. Searle diz que os estados de consciência seriam causados por processos cerebrais *objetivos* e que eles seriam fenômenos neurofisiológicos *subjetivos*. Mas, na medida em que eles seriam subjetivos, os estados de consciência se diferenciariam *fundamentalmente* de quaisquer estados objetivos do cérebro (embora eles sejam supostamente causados por microprocessos no cérebro)<sup>8</sup> porque eles teriam um outro *modo de existência*, e essa *diferença ontológica* faz com que os estados de consciência *não possam ser idênticos* a estados neurofisiológicos objetivos, pois eles não têm todas as propriedades em comum. Estados de consciência subjetivos têm, p. ex., um *aspecto qualitativo*, enquanto estados objetivos do cérebro não têm tal aspecto. Essa diferença entre os dois tipos de fenômenos indica que estados de consciência e estados objetivos do cérebro não são idênticos. E se é assim, a redefinição exigida pela redução ontológica *não seria possível*. A não-identidade entre propriedades sistêmicas subjetivas e objetivas leva a diversas dificuldades no que diz respeito à

---

<sup>7</sup> Sobre a sua refutação do dualismo conceitual cf. (Searle, 1992: 26) e (Searle, 2004: 116-8).

<sup>8</sup> Temos aqui uma assimetria estranha, pois embora os estados de consciência (*exatamente* como qualquer propriedade sistêmica objetiva do cérebro – p.ex. a carga elétrica do cérebro como um todo) sejam causados por processos microscópicos *objetivos*, eles seriam *subjetivos*. Por que a consciência se diferencia de modo tão fundamental das propriedades sistêmicas objetivas embora ela tenha a *mesma origem* das propriedades sistêmicas objetivas? Essa assimetria faz com que não pareça muito razoável que a consciência (tal como Searle a concebe) seja um objeto de pesquisa das neurociências.

compatibilidade entre redutibilidade causal e irredutibilidade ontológica.

#### 4 A identidade das capacidades causais e a diferença ontológica

É muito difícil entender como Searle poderia colocar em acordo a identidade das capacidades causais com a *diferença ontológica*. Para esclarecer a identidade das capacidades causais da consciência e dos processos cerebrais, Searle recorre ao caso de propriedades sistêmicas comuns (p.ex. solidez ou liquidez). No caso dessas propriedades a identidade das capacidades causais da propriedade de nível superior e dos processos no nível inferior *não é problemática*, porque a redução causal levou à redução *ontológica*. Nesse caso, a propriedade sistêmica reduzida é *idêntica* ao *comportamento* da microestrutura do sistema. A redução causal (a constatação de explanabilidade das características e da identidade das capacidades causais) tem como resultado que a descrição das *características superficiais da propriedade sistêmica* e a descrição dos *microprocessos que a causam* se referem à *mesma coisa*.

Mas se se atribui à consciência um modo de existência subjetivo, ela parece não poder ser comparada com tais propriedades comuns. Por um lado, a consciência seria causada por microprocessos no cérebro e por isso seria uma propriedade do cérebro. Apesar disso, a consciência seria uma propriedade que se diferencia fundamentalmente de todas as propriedades objetivas do cérebro, por ela ser *subjetiva*: “Consciousness is thus an aspect of the brain, the aspect that consists of ontologically subjective experiences.” (Searle, 2004, p. 128). Se a consciência é ontologicamente subjetiva, então ela *não pode* ser idêntica ao comportamento da microestrutura do cérebro (que é objetiva). A descrição das *características superficiais da consciência* e a descrição dos *processos cerebrais* não se referem à mesma coisa e, se não se trata da mesma coisa, então a identidade das capacidades causais é muito estranha, pois o efeito parece ter *duas causas* – caso ambos (a consciência e o cérebro) sejam causalmente eficazes.

É muito esclarecedor comparar os dois tipos de propriedades sistêmicas, a saber, as ontologicamente subjetivas e as ontologicamente objetivas. Considere-se o caso de uma propriedade sistêmica causalmente emergente (e objetiva) do cérebro como a sua *consistência*

(trata-se, mais exatamente, de seu grau de *solidez*). Essa propriedade é causada pelas interações das moléculas que compõem o cérebro. As capacidades causais da consistência do cérebro<sup>9</sup> são idênticas às capacidades causais da totalidade das moléculas em interação, e isso é evidente porque a consistência é idêntica com o *tipo de interação* (ou com o *comportamento da microestrutura*). Tem-se que ressaltar que, tanto o sistema quanto suas partes constituintes, são fenômenos ontologicamente objetivos, isto é, eles existem independentemente de quaisquer sujeitos (porque o cérebro, suas partes físicas e a consistência não incluem nenhuma vivência em sua existência). No caso de propriedades sistêmicas *ontologicamente subjetivas* do cérebro (como sensações, crenças ou intenções), existem muitos pontos em comum, mas também uma *diferença enorme e fundamental*. Essas propriedades são (segundo a teoria de Searle) causadas pelas interações das partes constituintes do sistema nervoso (p.ex. uma percepção visual consciente é causada pela estimulação dos receptores na retina, pela transmissão nervosa através das sinapses até o córtex visual e pelo processamento nessa parte do cérebro) e as capacidades causais de tal propriedade sistêmica subjetiva são aparentemente as mesmas capacidades causais das partes do cérebro em interação. Por exemplo, a eficácia causal de uma percepção consciente – como a percepção de um leão furioso – sobre os movimentos corporais de um organismo parece ser exatamente a eficácia causal dos processos cerebrais que causam a percepção: a percepção, assim como os processos cerebrais subjacentes, levam o organismo a fugir.<sup>10</sup> Mas, no que os dois tipos de propriedades se diferenciam ontologicamente, as características subjetivas da percepção *não podem* ser expressas pela descrição dos processos cerebrais, e isso já é

---

<sup>9</sup> Que tipo de capacidades causais possui o cérebro enquanto objeto comum? Essa questão exige um esforço de imaginação. Com um cérebro morto nós poderíamos, p. ex., empurrar uma pequena bola sobre uma superfície estável. Isto é, a consistência do cérebro enquanto objeto físico pode colocar a bola em movimento. Essa propriedade pode causar um evento físico (o deslocamento da bola).

<sup>10</sup> Pode-se acrescentar que a percepção tem esse efeito sobre o comportamento apenas em conexão com outros fenômenos mentais – como a crença de que leões são perigosos e o desejo de evitar o perigo. Mas isso não é um problema, pois as crenças e desejos também seriam causadas por processos cerebrais.

um bom motivo para se considerar ambos como entidades *diferentes*. O simples fato de que os processos cerebrais e as percepções seriam *ontologicamente* diferentes (estas são *subjetivas*, aqueles são *objetivos*), implica que eles pertencem a *tipos diferentes*, de modo que a identidade das capacidades causais é *incompreensível*.

São as capacidades causais da percepção (com suas características subjetivas) *ilusórias*? Essa seria uma possível leitura da afirmação de que a consciência não possui poderes causais além daqueles da sua base neurobiológica. Se é assim, então estamos diante de um teoria *epifenomenalista*. Mas Searle não gostaria de defender tal posição. Ele diz repetidamente que a consciência é causalmente eficaz. Se se considera então as capacidades causais da consciência como *reais*, então parece que o efeito (em nosso exemplo a fuga diante do leão) tem *mais de uma causa*: tanto a percepção subjetiva quanto os processos cerebrais objetivos. Se é assim, então estamos diante de uma posição que implica uma *supradeterminação causal*.<sup>11</sup> Mas Searle não gostaria de aceitar tal consequência.<sup>12</sup> O ponto é que se pode deduzir a partir da concepção de Searle teses contraditórias. Partamos da tese da eficácia causal do mental:

- (1) A consciência é *causalmente eficaz*, de modo que fenômenos mentais conscientes *causam* o comportamento humano.
- (2) As capacidades causais da consciência são *as mesmas* dos processos cerebrais.

---

<sup>11</sup> Esse problema, que Searle atribui ao dualismo de propriedades, é resumido por ele conforme se segue: “when I raise my arm, there is a story to be told at the level of neuron firings, neurotransmitters and muscle contractions that is entirely sufficient to account for the movement of my arm. So if we are to suppose that consciousness also functions in the movement of my arm, then it looks like we have two distinct causal stories, neither reducible to the other; and to put the matter very briefly, my bodily movements have too many causes. We have causal overdetermination” (Searle, 2002b: 59).

<sup>12</sup> A recusa da supradeterminação por Searle fica clara na seguinte passagem: “Nobody thinks that we are forced to postulate that solidity is epiphenomenal on the grounds that it has no causal powers in addition to the causal powers of the molecular structures, nor they think that if we recognize the causal powers of solidity we are forced to postulate *causal overdetermination* (...) Why are we inclined to make this *mistake* for consciousness when we would not think of making it for other causal phenomena?” (Searle, 2002b: 62, grifos meus).

- (3) Processos cerebrais *causam* o comportamento humano.
- (4) Consciência e processos cerebrais *não são idênticos*.
- (5) O comportamento humano tem *um tipo* de causa, isto é, ele *não é* supradeterminado.

---

De (1) & (3) & (4) segue-se:

- (C1) O comportamento humano tem *dois tipos diferentes* de causas, isto é, ele *é* supradeterminado.

de (3) & (4) & (5) segue-se:

- (C2) A consciência é *causalmente ineficaz*, de modo que fenômenos mentais conscientes *não causam* o comportamento humano.

Essas conclusões estão em clara contradição com determinadas teses contidas no argumento acima. A conclusão (C1) contradiz a tese (5). Para resolver essa contradição Searle teria *três alternativas*, a saber, recusar uma das três teses das quais a conclusão se segue. Mas ele não aceitaria nenhuma dessas alternativas. A solução menos plausível seria negar a tese (3), pois ninguém que esteja familiarizado com os resultados das neurociências poderia levar essa negação a sério, e especialmente John R. Searle, que oferece uma solução do problema mente-corpo baseado nos progressos das neurociências (cf. Searle, 1992, p. 1). No cenário da filosofia contemporânea da mente, a negação da tese (4) seria certamente considerada a forma mais promissora de resolver a contradição, pois essa negação corresponde aos resultados das ciências naturais. Mas Searle jamais seguiria esse caminho, pois a *subjetividade ontológica* é para ele uma característica essencial do mental. Diante da impossibilidade de se negar a eficácia causal dos processos cerebrais e a subjetividade ontológica, a negação da tese (1) seria a última alternativa, até porque o estatuto ontológico incomum da consciência (tal como Searle a concebe) faz suas capacidades causais parecerem *questionáveis*. Mas, ainda mais importante, é o fato de que essa solução – a negação da tese (1) – já está contida em suas reflexões sobre a redução – certamente contra a vontade dele. Quando ele formula a redução causal, ele escreve: “phenomena of the type A are *causally reducible* to phenomena of the

type B, if and only if (...) A's have no causal powers in addition to the causal powers of B's." (Searle, 2004, p. 119) Essa afirmação pode ser interpretada como se os fenômenos *A não possuíssem capacidades causais*. No caso de fenômenos *objetivos* tal interpretação não seria necessária, pois esses fenômenos pertencem à mesma categoria ontológica que o sistema subjacente. Sobre uma propriedade sistêmica objetiva, Searle escreve: "solidity has no causal powers in addition to the causal powers of the molecules." (Searle, 2004, p. 119) Aqui não seria necessário considerar a propriedade como *causalmente ineficaz*, pois tanto a solidez quanto as moléculas, e o sistema como um todo, são *objetivos*, de modo que a solidez é *idêntica* a uma propriedade das moléculas. A identidade das capacidades causais corresponde à identidade das próprias coisas. Mas quando um fenômeno é considerado *ontologicamente diferente* do fenômeno que o reduz (neste caso reduz apenas causalmente), então não há uma identidade entre esses fenômenos e a identidade dos poderes causais permanece misteriosa.<sup>13</sup> Nesse caso é razoável interpretar uma afirmação como a seguinte enquanto uma negação de eficácia causal: "Consciousness is causally reducible to brain processes, because (...) consciousness has no causal powers of its own in addition to the causal powers of the underlying neurobiology" (Searle, 2002b, p. 60). O que eu estou tentando dizer, em suma, é que é possível defender a interpretação de que a conclusão (C2) *já se encontra*, em uma versão diferente, entre as teses centrais da filosofia da mente de Searle: a tese (2) – que pertence à concepção da redutibilidade causal da consciência – pode ser entendida como uma afirmação da *ineficácia causal* da consciência<sup>14</sup> (embora ela também possa ser interpretada de outra

---

<sup>13</sup> Por isso a comparação da consciência com propriedades sistêmicas *objetivas* parece inválida. Em *Why I Am Not a Property Dualist* Searle afirma: "causally speaking there is nothing there, except the neurobiology, which has a higher level feature of consciousness. In a similar way there is nothing in the car engine except molecules, which have such higher level features as the solidity of the cylinder block, the shape of the piston, the firing of the spark plug, etc" (Searle, 2002b: 60). Porém, comparar a consciência com a solidez do pistão não é de grande ajuda, diante da diferença ontológica entre ambos.

<sup>14</sup> Esse problema é apresentado por Crane da seguinte maneira: "Searle denies that surface properties (including mental properties) are 'emergent' in the sense that they have causal powers independently of the causal powers of their physical parts (p.

maneira – cf. seção 5 abaixo). Apesar disso, Searle se recusa veementemente a negar a eficácia causal da consciência (que é uma das teses básicas do naturalismo biológico). Se tudo se comporta dessa maneira, então há uma incoerência no coração do naturalismo biológico, a saber, na sua concepção de redução, que deveria superar o dualismo e o materialismo e colocar em acordo suas verdades parciais.

### 5 É possível eliminar a incoerência? A estratégia dos níveis de descrição

Considerando as fortes evidências em favor da tese (3) e a grande plausibilidade da tese (5) – cuja negação seria bizarra – parece que os esforços para resolver as contradições apontadas acima devem se concentrar nas teses (1), (2) e (4), cuja veracidade está mais sujeita a questionamentos. Entre elas, a tese (1) é a mais forte, pois, além de ser insistentemente defendida por Searle, é extremamente intuitiva. Como afirmado anteriormente, penso que a tese (4) é a melhor candidata para a rejeição, mas é importante que a tese (2) seja objeto de uma reflexão mais atenta, pois há uma ambiguidade nela cuja eliminação pode ser decisiva para resolver as contradições acima expostas. De acordo com ela:

- (2) As capacidades causais da consciência são *as mesmas* dos processos cerebrais.

---

112). Rather, he thinks that these properties can be ‘causally reduced’ to their underlying physical properties (p. 114-15). But where does this leave the causal powers of the mental? Suppose my current pain causes me to cry out. If as Searle claims, the causal powers of the pain are ‘entirely explainable’ (p. 114) in terms of the causal powers of my current neural state, then (given Searle’s denial of the Identity Theory) there is a clear sense in which my pain is not the cause of my crying. Searle does not seem to think that the pain and the neural state both cause the crying, as in a case of overdetermination. And since the pain and the neural state are not identical, yet the pain’s causal powers are entirely explainable in terms of the neural state’s, it seems clear that on Searle’s view the neural state is the real cause. The alternative is to say that the causal powers of my pain are not entirely explainable in terms of the causal powers of my neural state. But it is essential to Searle’s view that he denies this.” (Crane, 1993: 319-20)

Penso que essa asserção pode ser entendida, pelo menos, de duas maneiras: primeiramente, como discutido na seção 4, significando que a consciência não tem capacidades causais – negação da tese (1) – ou, em segundo lugar, significando que as capacidades causais são as mesmas porque a consciência e os processos cerebrais são *a mesma coisa*, afirmação de identidade que nega a tese (4) – note-se que o próprio Searle diz que, em geral, reduções causais levam a reduções ontológicas. O modo como Searle argumenta contra o epifenomenalismo e a supradeterminação causal fornece um forte indício de qual dessas possibilidades de leitura da tese (2) deveria ser escolhida: a segunda possibilidade, pois tal argumentação parece estar baseada em uma identidade entre a consciência e os processos cerebrais. Discutindo o dualismo de propriedades, Searle afirma:

The fact that the dilemma of either epiphenomenalism or causal overdetermination can even seem to be a problem for property dualism is a symptom that something is radically wrong with the theory. Nobody thinks that we are forced to postulate that solidity is epiphenomenal on the grounds that it has no causal powers in addition to the causal powers of the molecular structures, nor they think that if we recognize the causal powers of solidity we are forced to postulate causal overdetermination, because now the same effect can be explained either in terms of the behavior of the molecules or the solidity of the whole structure. (Searle, 2002b, p. 62)

No caso da solidez, é evidente que os efeitos podem ser explicados tanto em termos do comportamento molecular quanto em termos da solidez do sistema no nível macroscópico, pois (para Searle – cf. 1992, p. 115) a solidez e o comportamento das moléculas são *idênticos*. Ao falar da consciência nestes termos, ele parece sugerir uma identidade entre a consciência e os processos cerebrais. E em uma passagem como a seguinte, essa identidade não parece estar sendo meramente *sugerida*, mas sim *afirmada*:

“the causal powers of consciousness are exactly the same as those of the neuronal substrate. This situation is *exactly like* the causal powers of solid objects and the causal powers of their molecular constituents. We are not

talking about two different entities but about the same system at different levels.” (Searle, 2004, p. 127-8, grifo meu)<sup>15</sup>

Se é assim, a tese (4) deve, de fato, ser rejeitada, mas então surge uma possibilidade de se considerar a teoria de Searle coerente: mostrar que a tese (4), tal como formulada acima, *não corresponde* ao que o autor quer dizer; ou seja, mostrar que Searle não acha que a consciência e os processos cerebrais são *diferentes*. A asserção (4) foi formulada com o intuito de reproduzir a tese da *irreducibilidade ontológica* da consciência aos processos cerebrais. Para se concluir que não há contradição, seria preciso mostrar que a irreducibilidade ontológica, tal como Searle a concebe, é compatível com a *identidade* da consciência com os processos cerebrais. Seria possível considerar que Searle desenvolveu uma estratégia para isso, ao distinguir entre *níveis de descrição* dos fenômenos envolvidos numa redução (causal e/ou ontológica). Ele parece recorrer ao fato de que existem características que não podem ser atribuídas às partes componentes de um sistema, mas apenas a ele próprio no nível macroscópico. Assim como a liquidez e a solidez não podem ser encontradas no nível das moléculas isoladas, a consciência e suas características subjetivas, ou seja, seu aspecto qualitativo, não poderiam ser encontradas no nível microscópico dos neurônios individuais. Em outras palavras, apesar de ser formado por partes objetivas (neurônios e demais microestruturas cerebrais), o cérebro realizaria no nível macroscópico uma propriedade ontologicamente subjetiva: a consciência, o que implica que tal propriedade *é exatamente* o conjunto de processos que ocorrem no nível microscópico, apenas descritos de outra maneira, do mesmo modo que

---

<sup>15</sup> Em um texto anterior, Searle apresenta a relação entre um estado de consciência e um processo cerebral como uma identidade, na medida em que existe um mesmo fenômeno descrito em diferentes níveis: “I now, let us suppose, have a conscious feeling of pain. This is caused by patterns of neuron firings and is realized in the system of neurons. Suppose the pain causes a desire to take an aspirin. The desire is also caused by patterns of neuron firings and is realized in the system of neurons. These relations are exactly parallel to the case of the ice and the water. I can truly say both that my pain caused my desire and that sequences of neuron firings caused other sequences. These are two different but consistent descriptions of the same system given at different levels.” (Searle, 1995, p. 219)

a solidez é exatamente o conjunto de movimentos moleculares em estruturas de agregados.

Porém, conforme discutido acima (cf. seção 3), existem passagens nas quais Searle defende uma concepção incompatível com essa identidade de tipos entre a consciência e os processos cerebrais. Discutindo diretamente a noção de identidade, Searle afirma: “we can have a notion of neurobiological processes big enough so that every token pain process is a token neurobiological process in the brain, but it *does not follow* that the first-person painful feeling *is the same thing* as the third-person neurobiological process” (Searle, 2004, p. 125, grifos meus). Nessa passagem, ele nega explicitamente a identidade entre fenômenos subjetivos e objetivos. Sendo assim, existe base textual para se afirmar que Searle defende a tese (4) tal como formulada acima – consciência e processos cerebrais não são idênticos – de modo que as contradições apontadas na seção 4 permanecem. Mas, além disso, o que a análise de trechos como os dois últimos a serem citados mostra é que o autor incorre em mais uma contradição: a de afirmar e negar a identidade entre consciência e processos cerebrais. O exame da citação de Searle, 2004, p. 127-8 mostra que uma sexta asserção deve ser acrescentada às teses apresentadas na seção anterior:

- (1) A consciência é *causalmente eficaz*, de modo que fenômenos mentais conscientes *causam* o comportamento humano.
- (2) As capacidades causais da consciência são *as mesmas* dos processos cerebrais.
- (3) Processos cerebrais *causam* o comportamento humano.
- (4) Consciência e processos cerebrais *não são idênticos*.
  - (5) O comportamento humano tem *um tipo* de causa, isto é, ele *não é* supradeterminado.
- (6) Consciência e processos cerebrais são *a mesma entidade* em diferentes níveis de descrição.

Como foi discutido acima, a tese (4) – em conjunto com as teses (1), (3) e (5) – leva à conclusões que estão em contradição com (1) e (5). Tais contradições desapareceriam se a tese (4) fosse rejeitada. Mas o fato é que a análise dos textos mostra que Searle defende (4) e (6) simultaneamente, o que faz surgir uma evidente contradição. Portanto, concluo que, para sustentar uma teoria coerente, Searle deveria abdicar da tese (4) em favor da tese (6), ou seja, abrir mão da idéia da

irreducibilidade ontológica da consciência, fonte de tantas dificuldades, e permanecer fiel à sua distinção entre níveis de descrição das propriedades sistêmicas.

### Referências

- CHURCHLAND, Paul. (1994) “Betty Crocker’s Theory” [Review on *The Rediscovery of The Mind*] In: *London Review of Books*. Vol. XVI, Nummer 9 (12 May), p. 13-4
- CORCORAN (2001) “The Trouble with Searle’s Biological Naturalism” In: *Erkenntnis* 55, p. 307-324.
- CRANE, T. (1993) Review on *The Rediscovery of The Mind*. In: *International Journal of Philosophical Studies* Volume 1. Number 2. September. p. 313-324.
- JACKSON, F. (1982) “Epiphenomenal Qualia” In: *Philosophical Quarterly* 32, p. 127-136
- KIM, J. (1995) “Mental Causation in Searle’s ‘Biological Naturalism’.” In: *Philosophy and phenomenological Research* 55(1) p. 189-94.
- KRIPKE, S. (2001 [orig. 1972]) *Naming and Necessity*. Cambridge (Mass.): Harvard University Press.
- LEVINE, J. (1983) “Materialism and Qualia: The Explanatory Gap” In: *Pacific Philosophical Quarterly* 64, p. 354-361.
- NAGEL, T. (1974) “What Is It Like To Be a Bat?” In: *Philosophical review* 83, p. 435-450
- NIDA- RÜMELIN, M. (2002a) “Causal Reduction, Ontological Reduction and First-Person Ontology. Notes on Searle’s Views about Consciousness.” In GREWENDORF, G.; MEGGLE, G. (Org.) *Speech Acts, Mind and Social Reality: Discussions with John R. Searle*. Dordrecht, Boston, London: Kluwer Academic Publishers. p. 205-221
- OLAFSON, F. A. (1994) “Brain Dualism“ [Review on *The Rediscovery of The Mind*] In: *Inquiry* (37) p. 253-6
- SEARLE, J. (1984) *Minds, Brains and Science*. Cambridge Mass., Harvard University Press.
- \_\_\_\_\_ (1992) *The Rediscovery of the Mind*. Cambridge Mass., London: MIT Press.

\_\_\_\_\_ (1995) "Consciousness, the Brain and the Connection Principle: A Reply" In: *Philosophy and phenomenological Research* 55(1) p. 217- 32.

\_\_\_\_\_ (1998) *Mind, Language and Society: Philosophy in the Real World*. New York: Basic Books.

\_\_\_\_\_ (2002a) "Consciousness" In: *Consciousness and Language*. Cambridge (UK): Cambridge University Press. p. 36-60.

\_\_\_\_\_ (2002b) "Why I Am Not a Property Dualist" In: *Journal of Consciousness Studies*, 9, No 12, p. 57-64

\_\_\_\_\_ (2004) *Mind: a brief introduction*. Oxford: Oxford University Press.

SNOWDON, P. F. (1994) [Review on *The Rediscovery of The Mind*] In: *The Philosophical Quarterly* (44) p.259-60

THOMPSON, D.L. (1986) "Intentionality and causality in John Searle" In: *Canadian Journal of Philosophy* 16, 83-97